

JONAS

(ou No Ventre do Paradoxo)

Pseudônimo: Augusto Lung

Rui Rothe-Neves
LETRAS

Começo, por inteiro. Pra que não se pense que aqui termino.

Um desafio fora lançado.

Trata-se de um texto, concebido se deitando numa página, amarelecendo, surrado pelos olhos que irão e virão sobre ele antes do fogo. Digo fogo, porque em algum tempo talvez seja necessário queimá-lo. Ou se perca.

Onde?

e isso é já perto do fim.

Voltemos ao início, ao mais importante. Voltemos aos olhos.

Ao enigma.

Em forma de globo e par, situado um em cada órbita, com três camadas e meios de refração, é o órgão da visão.

É o órgão da visão.

Um órgão, portanto, como outro qualquer. Como um estômago.

Um estômago de textos, propriamente.

Exige cautela. Sobretudo porque um estômago é seguido de praxe, sem se considerar as glândulas e as outras viscosidades, de um intestino. (E isto, aqui, é perigoso. Demasiado até.

Nada contra este intestino. Ou seu outro. Qualquer navegador experiente o atestaria em tempos calmos. Mas não é conveniente desconsiderar as tempestades, com os ventos e odores típicos, e toda a dramaturgia que envolve essa espécie de orfanidade) Quanto a isso não se ignoram saídas. Pelo menos uma está sempre aberta.

E talvez outra saída esteja em cuidar pra não dar nó no estômago. Ou, como são dois: nós. Nós nos olhos.

Como se olhássemos nós mesmos, dentro de um grande peixe que mama, mama. O maior dos seres de cuja classe somos nós, os melhores. Então reconheceríamos ali o enigma, a ser digerido.

Melhor primeiro engolir.

É um texto difícil de engolir, esse dos olhos que digerem textos. Um estômago de estômago de textos, propriamente. Fácil de dar nós.

Difícil de se nos dar, o enigma.

E aqui trata-se talvez de um outro de nós. Ou um outro texto. Ou é o começo do incêndio no estômago do peixe. Ou talvez ele se perca. Ou talvez já é o fim aqui, mas isso é a ponta de um outro colapso, de um outro enigma, onde as certezas todas estão sempre dançando em torno do próprio umbigo, ou da própria órbita, que é como os olhos dançam em torno de si mesmos achando que vão é pra frente, depois sabem que não, voltam, tudo do começo novamente, dançando sempre e se perdendo.

No mar. Onde? Onde nada.

Em tempos de calmaria, qualquer navegador experiente diria que sim. Mas agora é a tempestade onde nada. O peixe. E talvez ele se perca, com toda a dramaturgia que envolve essa espécie de naufrágio.

Como o texto. Que é ele.

Nós.

Os melhores de cuja classe é ele o maior. E mama.

Difícil de se nos dar. Melhor então comê-lo antes que passe, antes que se perca no pretérito, vagando pelo mar verde e monstruoso onde nada, onde se poderia encontrar com outros, todos digeridos pelos olhos?

Um dentro do outro, agora perdidos.

A memória.

É dentro dela que os textos confabulam, não do lado de fora. A memória, um mar verde de funções fisiológicas que não se dá direito aos sextantes desse outro mamífero, bípede e implume (é preciso que se dê a fisiologia do sujeito), e monstruoso portanto. Se alguém já leu *Viagem a Andrada* *, sabe por onde ler isso, os olhos dançando, as órbitas. Um animal da terra acororado esperando o deus vermelho no horizonte, que se dê pacífico, sem queimaduras. E por dentro, porque ele tem dentro, crê que se pergunta, analfabeto, o que sou eu além de tentativas de mitologia? E quer não saber que já isso queima.

Todos profetas de alguma ciência obscura pros obscuros. Entre eles, os especialistas em olhos, em peixes, em estômagos, em textos. Estes últimos nunca provam de sua própria poção, jamais lêem o que escrevem, porque só escrevem sobre a coisa escrita e nunca escrevem a coisa. Porque os textos só confabulam por dentro e só têm o lado de fora...

Agora que se anunciou o naufrágio onde os textos se perdem, este, regurgitado, ouve um marulho, é a margem. Talvez ali sobreviva um texto que se deflagra, revoltado do estômago, um desafio.

* de Vicente Cecim, Ed. Iluminuras, São Paulo 1989.

Antes era a seqüência de textos náufragos, soltos no mar verde, um aqui, outro ali, os braços já cansados, tentando ainda o movimento pra redenção. E ela, longe, esperando em outra margem.

Agora, o que seria?

O mar, à noite, é frio.

Talvez mais rápido, batendo os braços com mais força, chegando antes do pôr-do-sol e digerindo então migalhas não sentíssemos tanto frio. Famintos, homens e textos são iguais no presente.

O presente.

Onde um texto se deflagra.

Ou ainda: aportamos numa ilha onde não há o que ser dito. Porque não há como ser dito o que há na ilha. Uma vera cruz onde não caminhas. Ou uma elipse.

Uma ilha silenciosa.

Sem o que dizer nem como dizer o que há. Náufragos e textos, tanto quanto possível e com movimentos e eternidades. particulares, partes, do silêncio.

Uns dentro dos outros, perdidos de novo.

Como na memória.

Então essa ilha seria uma margem onde não seríamos mais náufragos, ou ali não estaria sentada, esperando, a redenção?

Voltamos,

nós no mar verde e monstruoso.

Nenhum desafio foi mesmo lançado afinal. E ninguém ouve, o mar é vasto. Eis o fim.